

A AUTONOMIA DA NATUREZA EM LUDWIG FEUERBACH

Eduardo Ferreira Chagas

Doutor em Filosofia pela Universität Kassel

Professor do Curso e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFC

ef.chagas@uol.com.br

Resumo

Partindo de uma interpretação imanente dos escritos principais de Ludwig Andres Feuerbach (1804-1872), o presente artigo remete a um aspecto central de sua filosofia que fora, infelizmente, até hoje insuficientemente investigado, a saber, a sua acepção de natureza. Defende-se, em primeiro plano, a seguinte hipótese: a reflexão de Feuerbach, que se refere à autonomia da natureza, ou seja, à natureza autônoma, que existe independentemente da consciência humana e que procura proporcionar-lhe valor, é para se entender como corretivo à religião e à filosofia especulativa, para poder fazer assim, simultaneamente, fronteiras a tais direções. Desse modo, o presente artigo apresenta a ideia feuerbachiana de que a natureza existe de maneira autônoma e independente e que possui precedência com relação ao espírito. Para Feuerbach, a natureza material independe do pensamento. Ela é, diante ao espírito, o original, o fundamento não deduzível, imediato, não criado de toda existência real, que existe e consiste por si mesmo. A natureza é dada ao homem por meio de seus sentidos como fundamento e essência de sua vida, sem a qual o homem não pode nem ser pensado nem existir. Sob esta condição, ela não deve ser vista como aquilo que ela não é, ou seja, nem como divina, nem como humana. A natureza sempre existiu, quer dizer, ela existe por si e tem seu sentido apenas em si mesma; ela é ela mesma, ou seja, nenhuma essência mística, pois, por trás dela, não se esconde nenhum absoluto, nada humano, nada divino, nada transcendental ou ideal.

Palavras-chave: Natureza. Crítica ao Teísmo. Crítica ao Idealismo. Feuerbach.

Abstract

Starting from an immanent interpretation of the main writings of Ludwig Andres Feuerbach (1804-1872), the present article refers to a central aspect of his philosophy that, unfortunately, has been insufficiently investigated until today, namely, its meaning of nature. In the foreground, the following hypothesis is defended: Feuerbach's reflection, which refers to the autonomy of nature, that is, autonomous nature, which exists independently of human consciousness and seeks to provide value for it, is to be understood as a corrective to religion and speculative philosophy, in order to be able to make boundaries to such directions simultaneously. Thus, this article presents the Feuerbachian idea that nature exists autonomously and independently and takes precedence over spirit. For Feuerbach, material nature is independent of thought. It is, before the spirit, the original, the non-deductible, immediate, uncreated foundation of all real existence, which exists and consists of itself. Nature is given to man through his senses as the foundation and essence of his life, without which man can neither be thought nor exist. Under this condition, nature must not be seen as what it is not, neither as divine nor as human. Nature has always existed, it exists by itself and has its meaning only in itself; it is itself, that is, not a mystical essence, because behind it there is no absolute, nothing human, nothing divine, nothing transcendental or ideal.

Keywords: Nature. Criticism of Theism. Criticism of Idealism. Feuerbach.

Rev. Helius	Sobral	v. 2	n. 2	p. 318-338	jul./dez. 2019
-------------	--------	------	------	------------	----------------

Partindo de uma *Interpretation* imanente dos escritos principais de Ludwig Andres Feuerbach (1804-1872), o presente trabalho remete a um aspecto central de sua filosofia que fora, infelizmente, até hoje insuficientemente investigado, a saber, a sua acepção de natureza.

Tem-se aqui, em primeiro plano, a seguinte hipótese: a *Reflexion* de Feuerbach, que se refere, no âmbito de sua *Argumentation*, à autonomia da natureza (*Autonomie der Natur*) – ou seja, à natureza autônoma, que existe independentemente da consciência humana e que procura proporcionar-lhe valor – é para se entender como corretivo à religião e à filosofia especulativa, para poder fazer assim, simultaneamente, fronteiras a tais direções.

No que tange à pesquisa acerca do entendimento da natureza concebido por Feuerbach, devem ser mencionados, sobretudo, os trabalhos de Werner Schuffenhauer, Peter Cornehl, Ursula Reitemeyer, Alfred Schmidt, I. M. Jessin, Joachim Höppner, Francesco Tomasoni, Heinz Hüser, assim como as contribuições (em forma de artigos) de Regina Steindl, Gerd Haensch, Gisela Schrötter, Theodor Münz e Hermann Ley. Reitemeyer e Cornehl (mas também Münz e Haensch), que limitam-se, em seus escritos, ao conceito de natureza do jovem Feuerbach nos anos 30 do séc. XIX, sobretudo às obras *Dissertação sobre a Razão (Dissertatio über die Vernunft)*, *Pensamentos sobre a Morte (Todesgedanken)*, *Leibniz*, assim como *História da Filosofia (Geschichte der Philosophie)*, nas quais Feuerbach tenta superar, ainda no âmbito de suas concepções panteístas, o dualismo entre espírito e natureza. Enquanto Schmidt e Jessin, do mesmo modo como Höppner, se ocupam, em seus trabalhos, com o significado da concepção de natureza de Feuerbach para Marx, assim como com a crítica de Marx a Feuerbach, e, por isso, recorrem, de preferência, aos seus escritos dos anos de 1839-42, a saber, *Crítica à Filosofia Hegeliana (Kritik der Hegelschen Philosophie)*, *Teses Provisórias (Vorläufi-*

ge Thesen), *Necessidade de uma Mudança* (*Notwendigkeit einer Veränderung*) e *Princípios* (*Grundsätze*), já Tomasoni, Ley e Hüsser tratam do conceito de natureza de Feuerbach nos seus escritos de maturidade, particularmente a partir de 1846.¹ Já que todos os trabalhos mencionados se limitam, no entanto, meramente a uma apresentação isolada, fragmentada, ou seja, restringem-se, em primeiro lugar, a um determinado ponto na concepção de natureza em Feuerbach, permanecendo o desenvolvimento e as alterações desta concepção ainda a ser investigados, tem este trabalho por objeto, primeiramente, o conceito de natureza de Feuerbach na sua totalidade e deve apresentar, neste sentido, uma análise mais detalhada e sistemática. Embora a concepção de natureza de Feuerbach só se deixe mostrar, de forma mais clara, na sua “última fase”, ela deve, não obstante, ser tratada como um todo, como resultado da totalidade de sua filosofia. Precisamente por isso, o presente trabalho tem por tarefa mostrar como Feuerbach desenvolveu o seu conceito de natureza dos anos 30 do séc. XIX até os escritos de maturidade, e qual *Funktion* e relevância pertence a ele no interior de sua filosofia.

O conceito de natureza em Feuerbach constitui uma das questões mais difíceis de sua filosofia e não é, por conseguinte, fácil de ser explorado; ele fora tratado, no âmbito das pesquisas sobre a filosofia feuerbachiana, quase exclusivamente em conexão com sua antropologia e sua crítica filosófica à religião e, em primeiro lugar, reduzido à natureza do homem. Tendo em vista, precisamente, a deficiência das pesquisas até então realizadas, pretendo aqui averiguar o seguinte: que significado atribui Feuerbach, de fato, à natureza em si, se ele próprio se referiu, em seus escritos juvenis, apenas em geral à natureza, e se abordou primeiro, em sua crítica à religião,

1 Cf. o trabalho de Souza, Draiton de, *Zur Ethik Ludwig Feurbachs*. Göttingen: Cuvillier Verlag Göttingen, 1998, p. 55-93.

tão-somente o gênero humano, e só posteriormente refletiu assistematicamente sobre a natureza? A princípio poder-se-ia, então, perguntar: por que se interessa Feuerbach, como crítico da religião, em geral pela natureza? O que ele entende por natureza e o que ela significa para ele? Existe para ele uma natureza independente, fora do entendimento ou da natureza humana? Como se apresenta para ele a relação homem-natureza, ou melhor, como o homem se relaciona com ela? Que lugar destina Feuerbach ao homem no interior da natureza? Como compreende ele a diferença entre o homem e o animal?

Partindo dessas questões, irei aqui desenvolver e explicar o conceito de natureza em Feuerbach. Conquanto ele não tenha empreendido, infelizmente, uma formulação completa de sua concepção de natureza como um todo, isto é, não tenha deixado nenhuma filosofia da natureza explícita e acabada e também não tenha redigido nenhum escrito pormenorizado e sistematizado acerca da natureza, há, todavia, em sua obra, em diferentes passagens, uma abundância de aforismos, epigramas, *Definitionen* e reflexões filosóficas sobre a natureza. Assim, o conceito de natureza de Feuerbach foi desdobrado em sua obra, na verdade, apenas de maneira fragmentada, mas ele está, apesar disto, no centro de sua filosofia. O desenvolvimento e a transformação desse conceito perpassam de certa maneira, como fio condutor, a totalidade da obra de Feuerbach, abrem um caminho para se entender a sua filosofia como crítica ao teísmo (*Theismus*) e ao Idealismo (*Idealismus*) e nos permitem tratá-la sistematicamente.

Neste trabalho, tornar-se-á evidente que a ausência de uma sistematização, ou seja, de uma precisão ou de uma clara posição no que se refere ao conceito de natureza em Feuerbach encontra-se fundamentado nisto: que a pretensão principal de sua filosofia é, como acima aludido, a crítica ao teísmo (sobretudo ao Cristianismo) e

ao Idealismo (especialmente à filosofia de Hegel), os quais são deficitários em relação à natureza, visto que eles não só abandonaram, mas sobretudo menosprezaram a consideração da natureza. A falta em Feuerbach de uma *Reflexion* decidida, explicitamente formulada sobre a natureza, pode, conseqüentemente, ser entendida, em princípio, como expressão da ausência de uma tematização da natureza no teísmo e no Idealismo em geral. Acerca desta problemática deve ser aqui estabelecido, inicialmente, a tese de que a natureza (*Natur*) em Feuerbach possui o primado frente ao espírito; ela é a primeira estrutura da existência e frente a ela se põe o entendimento como algo “secundário”. No decorrer deste trabalho mostrar-se-á que, para ele, a natureza material, que existe, em sua diferencialidade qualitativa, fora e independentemente do pensar, é frente ao espírito o primeiro, o originário. A natureza, entendida como totalidade, como unidade orgânica, como harmonia de causas e efeitos, como pressuposto necessário para todos os objetos, fenômenos e criaturas, plantas e animais, inclusive para a natureza humana, fornece a Feuerbach o fundamento de sua crítica ao teísmo e ao Idealismo; isto é, a natureza é o motivo de sua *Konfrontation* com ambos, os quais desconhecem completamente a autonomia (*Selbständigkeit*) e a independência (*Unabhängigkeit*) da natureza, porque eles a concebem ou meramente como obra de um criador ou como puro desdobramento e exteriorização da atividade do espírito. Em ambos os sistemas foi a natureza tratada, portanto, não como um existente independente, autônomo, mas deduzida apenas como uma grandeza dependente e inconsistente em si mesma. Assim compreendido, mediante um entendimento da natureza que se baseia nas características imanentes a ela – imediaticidade, autonomia, regularidade universal (lei), exercida impessoal e logicamente, necessidade, dinamicizada – Feuerbach formulará não só sua crítica ao teísmo e ao Idealismo, como também alicerçará, na maturidade, sua própria ética.

Embora não haja em Feuerbach nenhuma concepção uniforme, homogênea e inequívoca da natureza, é-nos permitido constatar o seguinte: a referência à autonomia da natureza (*Selbständigkeit der Natur*) é o fundamento da crítica, ou melhor, o cerne da *Reaktion* e *Konfrontation* feuerbachiana contra o teísmo e o Idealismo, que se desdobra em três diferentes fases de desenvolvimento: (1^a) como aproximação crítica ao panteísmo (identidade da natureza com Deus), (2^a) como recusa direta à teologia cristã e à filosofia hegeliana (a natureza como criação de Deus ou como *Deduktion* do espírito) e (3^a) como crítica parcial à religião da natureza (antropomorfização ou personificação da natureza). Por isso, concentrar-me-ei inicialmente nos escritos de juventude dos anos 20 e 30 do século XIX, particularmente a *Dissertação sobre a Razão* (*Dissertation über die Vernunft* ou *De ratione una, universali und infinita*) (1828), os *Pensamentos sobre a Morte e a Imortalidade* (*Gedanken über Tod und Unsterblichkeit*) (1830), a *Introdução à Lógica e Metafísica* (*Einleitung in die Logik und Metaphysik*) (1829-30), a *História da Filosofia Moderna* (*Geschichte der neueren Philosophie*) (1835-36) e a *Apresentação, Desenvolvimento e Crítica da Filosofia Leibniziana* (*Darstellung, Entwicklung und Kritik der Leibnizschen Philosophie*) (1837), nos quais Feuerbach trata a natureza de um ponto de vista panteísta, partindo de um panteísmo que se orienta sobretudo em Giordano Bruno, Jakob Böhme e Baruch Spinoza, ele tenta, já nesse período, restabelecer, frente à depreciação da natureza pela religião cristã e em oposição à identidade formal de pensar e ser postulada pela filosofia hegeliana, uma reconciliação entre ser e pensar, uma unidade entre natureza (matéria) e Deus (espírito). No panteísmo ele vê, na verdade, não só tal reconciliação, mas também a superação do subjetivismo e da personificação de Deus (de um Deus transcendente), e, por isso, o panteísmo sinaliza para ele a solução para os problemas filosóficos fundamentais. Nem Cristianismo, nem Idealismo podem solucionar adequadamente tais problemas, porque eles não têm

formulado uma relação adequada para a natureza. Assim como no Idealismo em geral, também no Cristianismo o eu domina o mundo e se considera como o único ser espiritual que existe; nele é redimido apenas a pessoa, não a natureza, o mundo; centralizado no eu, na pessoa, o Cristianismo é apenas uma religião, na qual se revela um abandono completo da natureza, pois nele foi consumado uma separação entre a natureza e Deus. Enquanto para o teísmo o espírito é imaterial, não-sensível, transcendente, e Deus uma essência absoluta que existe para si, personificada, extramundana ou estranha ao mundo, admite, ao contrário, o panteísmo, abstraindo aqui as suas diferentes tradições, Deus imerso na natureza; com isto, ele destaca a unidade do mundo com Deus (com o espírito). Se a característica essencial do teísmo é, por conseguinte, o isolamento de uma essência do pensamento, abstraída da natureza pelo homem, existe, ao contrário, no panteísmo Deus no interior da natureza.

Numa clara oposição à teologia monoteísta-cristã, que faz da essência humana a origem de Deus e da natureza um produto da *creatio ex nihilo*, o místico Jakob Böhme concebe a natureza (a matéria) como inerente a Deus, inseparável dele, e Spinoza identifica Deus com a natureza mesma (*deus sive natura*) e a esclarece como a gênese do homem, e mediante a natureza (a substância divina) ele supera, então, a contradição de Descartes entre matéria (*res extensa*) e espírito (*res cogitans*). A aproximação de Feuerbach a essas formas de panteísmos, concebidas por Böhme e Spinoza, foi, contudo, superada posteriormente, nos anos de 1836-37, sobretudo em seu escrito contra Spinoza. Em oposição ao panteísmo, no qual a natureza e Deus foram concebidos como idênticos e a matéria foi tratada tão-somente como um atributo de Deus (o atributo natural-divino da *extensio*), Feuerbach exige a diferença entre natureza e Deus (*aut deus aut natura*). Isso significa o seguinte: ele quer esclarecer não a natureza como algo divino, nem Deus como algo imanente à natureza, mas, pelo contrário, a

natureza autônoma sem Deus. Sob a premissa de que Deus se manifesta na natureza, o panteísmo venera a natureza, diviniza o real, o que existe materialmente; por isso, ele é, na verdade, uma *Negation* da teologia, mas baseada ainda em posições teológicas. Essa censura de Feuerbach se dirige contra todos aqueles que veem na natureza uma expressão de Deus ou a encarnação de uma ideia. Em verdade, teísmo e panteísmo são, para ele, mundos extremos, invertidos: no teísmo, a diferença entre espírito e natureza é absolutizada, porque o homem diviniza aqui apenas a si mesmo; no panteísmo, a natureza foi, ao invés, adorada, pois aqui o homem projeta na natureza sua própria essência.

Para evitar tais extremos e contradições, Feuerbach vê, em princípio, na Doutrina das Mônadas de Leibniz, uma alternativa para a unidade entre o espírito e a matéria. Pertence à mônada espiritual a forma, mas ela contém simultaneamente em si também a matéria, que é a sua representação obscura. Mas enquanto Leibniz considera a matéria meramente como uma representação escura, confusa, Feuerbach a reconhece, pelo contrário, como o vínculo positivo que liga o interior com o exterior, as mônadas reciprocamente.

Seguindo a primazia da natureza, que tem seu fundamento em si mesma, e sob a consideração de sua autonomia como objeção (*Einwand*) ao teísmo e ao Idealismo, investigar-se-á, na segunda parte deste trabalho, o conceito de natureza de Feuerbach em conexão com sua crítica ao Cristianismo e, ao mesmo tempo, em discussão com a filosofia hegeliana, isto é, o “segundo período” de sua concepção de natureza que envolve, especialmente, os escritos de 1839-43, como *Para a Crítica da Filosofia Hegeliana* (*Zur Kritik der hegelischen Philosophie*) (1839), *A Essência do Cristianismo* (*Das Wesen des Christentums*) (1841), *Teses Provisórias para uma Reforma da Filosofia* (*Vorläufige Thesen zur Reform der Philosophie*) (1842), *Necessidade de uma Reforma da Filosofia*

(*Notwendigkeit einer Veränderung der Philosophie*) (1842) e *Princípios da Filosofia do Futuro* (*Grundsätze der Philosophie der Zukunft*) (1843). A palavra “natureza”, não no sentido da natureza humana, isto é, como natureza do homem, do gênero humano, mas, pelo contrário, no sentido da natureza, tal como ela é em si mesma, isto é, no sentido da natureza material, aparece nas obras mencionadas, e isso é visível na obra principal de Feuerbach, *A Essência do Cristianismo*, ainda que muito raramente. Feuerbach não desenvolve aqui nenhuma teoria da natureza, mas a apresenta indiretamente, para defendê-la contra a atitude cristã diante dela. Ele deixa claro que a teologia cristã se relaciona negativamente perante a natureza. A depreciação ou desvalorização religiosa da natureza tem consequências para o julgamento da natureza humana por parte da teologia, pois esta condena também a *Dimension* natural-sensível da natureza do homem e, diante dela, enaltece o espírito.

Este entendimento negativo do cristão para com a natureza torna-se, por exemplo, muito evidente não só na Doutrina da Criação (*Kreationslehre*), mas também na Doutrina do Pecado Original (*Erbsündeslehre*), pois esta, fundada no desdém pela natureza, baseia-se num sentimento de culpa condicionado pela “falha” e “fraqueza” do homem e, por isso, na negação de sua corporalidade, de sua sensibilidade presa à natureza. Uma confirmação disso acha-se também nisto, a saber, que o homem deve, de acordo com o entendimento cristão, livrar-se precisamente de sua natureza corporal (“da natureza transgredida”) para merecer e conseguir a “vida eterna”, sem as “tentações” e os “desejos da carne”. Precisamente porque a natureza expressa objetividade, necessidade, corporalidade, sensibilidade, é ela o negativo, por assim dizer uma prova dos limites da interioridade, do sentimento religioso, isto é, a barreira concreta que se opõe à *Illusion* de uma existência sobrenatural. Deste ponto de vista cristão, ela deve, portanto, ser eliminada, negada. Feuerbach argumenta que Deus (o

todo supremo, a essência sublime), o qual a fantasia religiosa criou, é apenas uma *Representation* fantasmagórica do gênero humano, uma *Konstruktion* subjetiva do homem, abstraída de todas as fronteiras e restrições da natureza, e a religião serve ao homem de meio, com o qual ele tenta livrar-se da natureza.

A ausência da natureza em sua obra fundamental pode ser esclarecida da seguinte maneira: ela resulta de sua ocupação com o Cristianismo que ignora completamente a natureza e põe em seu cume um Deus pessoal, que cria através do “puro pensar” e do “querer” a natureza, o mundo. Em consequência disso, a natureza foi considerada não enquanto tal; ela experimenta aqui, na verdade, nenhum tratamento próprio, independente, já que não há no Cristianismo nenhuma autonomia da natureza. O âmago do Cristianismo não é, então, Deus na natureza, mas, pelo contrário, Deus ilimitado, livre dela e sobre ela; o cristão experimenta, por exemplo, a natureza, a sua necessidade e as suas leis permanentes e contínuas, apenas como barreira insuperável que se opõe, como vimos, a sua pretensão a uma existência imaterial, sobrenatural e transcendente. Mas o homem sem corpo, despojado da matéria, da natureza, é meramente, como pensa Feuerbach, uma personalidade abstrata, um *abstractum*, pois apenas a naturalidade, a natureza, garante a essência e a existência do homem como homem, do homem como pessoa. A reivindicação feuerbachiana de um esclarecimento “natural”, “físico”, da natureza e, do mesmo modo, de uma conexão do homem com ela, aponta para uma crítica abrangente ao Cristianismo, para uma *Negation* fundamental às imaginações e fantasias da teologia cristã, na qual a natureza não tem nenhum significado positivo.

Exatamente como na teologia cristã, que subordina a natureza ao querer e ao bel-prazer do homem, também no Idealismo (particularmente em Hegel) a natureza está subjugada ao espírito. Hegel acredita que o espírito absoluto se desdobra, se ob-

jetiva na natureza, assim a natureza é também para ele não um ser primeiro, autônomo, mas algo posto, colocado, como que um outro ser concretizado do espírito. Enquanto a natureza em Hegel é, então, apenas uma outra forma fenomênica do espírito, uma exteriorização ou objetivação dele, Feuerbach a entende, pelo contrário, não como uma “*Degradation*” da ideia absoluta, nem como o “*alter ego*” do “*ego*”, mas sim como *natura naturans*, como o fundamento indeduzível, imediato, incriado de toda existência real, que existe e consiste por si mesmo.

Contra Hegel insiste ele, decididamente, nesta *Position*, isto é, na imediatividade da natureza e da experiência sensível do mundo, e é mister chamar a atenção aqui para isto, a saber, que há, neste ponto, uma convergência entre Feuerbach e Schelling. Feuerbach, o *antidotum* do teísmo e do Idealismo, põe a natureza frente ao espírito, pois ele entende por natureza não o puro outro, que só através do espírito foi posto como natureza, mas, primeiramente, a realidade material que existe fora e independente do entendimento e é dada ao homem por meio de seus sentidos. Sob essa condição, pode-se conceber a natureza como garantia da exterioridade mesma, como que um existente fora de nós, que nada sabe de si, pois não é para si, mas só em si e por si mesmo.

Partindo desse entendimento acerca da natureza, referir-me-ei, na terceira parte deste trabalho, à “última fase” da concepção de natureza em Ludwig Feuerbach, não só aos escritos fundamentais de 1846-48, como *A Essência da Religião* (*Das Wesen der Religion*) (1846), *Complementos e Esclarecimentos para a Essência da Religião* (*Ergänzungen und Erläuterungen zum Wesen der Religion*) (1846), *Preleções sobre a Essência da Religião* (*Vorlesungen über das Wesen der Religion*) (1848), nos quais Feuerbach, apoiando-se na religião da natureza, critica a natureza como objeto da religião e a toma como base e fundamento do homem e de todas as coisas, bem como aos seus

escritos maduros, como *A Pergunta pela Imortalidade sob o ponto de vista da Antropologia* (*Die Unsterblichkeitsfrage vom Standpunkt der Anthropologie*) (1847), *A Ciência da Natureza e a Revolução* (*Die Naturwissenschaft und die Revolution*) (1850), *O Segredo do Sacrifício ou O Homem é aquilo que come* (*Das Geheimnis des Opfers oder der Mensch ist, was ißt*) (1860), *Sobre Espiritualismo e Materialismo* (*Über Spiritualismus und Materialismus*) (1866) e *Para uma Filosofia Moral* (*Zur Moralphilosophie*) (1868), nos quais ele tenta fundir uma relação fundamental entre filosofia e ciência da natureza. Se, em *A Essência do Cristianismo* (*Das Wesen des Christentums*), o fundamento e também o objeto da religião eram ainda a essência moral do homem, abstraída da natureza, Feuerbach quer agora, nesses escritos maduros, superar todo discurso (*oratio*) antropológico, teleológico ou teológico em relação à natureza, ou seja, obter a separação da mesma da *reductio ad hominem*, de todos os predicados humanos. Assim, ele fez a si, por tarefa, defender, justificar e fundamentar a autonomia da natureza “contra os esclarecimentos e as deduções teológicas” diante dela.

Enquanto ele avaliava a relação cristã em relação à natureza, no todo, negativamente, porque a natureza no Cristianismo está submetida arbitrariamente ao afeto religioso, julga ele, agora, a religião da natureza (*Naturreligion*) parcialmente positiva, já que ela tem por objeto a natureza (o deus físico) e, por isso, ela exerce uma função importante no que diz respeito a uma percepção adequada da natureza. Não obstante, não se trata, para Feuerbach, de maneira nenhuma, de defender a religião da natureza em si, embora ela faça valer, de fato, a natureza, na medida em que ela põe no lugar da humanidade a natureza. Portanto, ele não está interessado na religião da natureza enquanto tal, mas, meramente, em sua função estratégica para a sua *Argumentation* contra o Cristianismo e o Idealismo, pois ela manifesta a natureza, aponta uma indicação decisiva para “a verdade dos sentidos”, demonstra o significado da sensi-

bilidade e atesta o sentimento de finitude do homem e de sua dependência não de algo sobrenatural, mas da natureza mesma.

Apesar desta avaliação parcialmente positiva da religião da natureza, chega Feuerbach, no entanto, à conclusão de que ela não concebe, no fundo, a natureza real, objetiva; pelo contrário, reflete-se também nela apenas a “verdade do homem”, pois o homem religioso-natural vê nela não a natureza, como ela é realmente, mas a percebe tão-somente como objeto de sua fé, de sua veneração religiosa ou de sua imaginação. Porque a natureza oferece ao homem o que ele precisa, foi ela idolatrada como divina; a veneração (*Verehrung*) ou divinização (*Vergötterung*) da natureza significa, por conseguinte, a sua “antropomorfização”, isto é, a sua “humanização” pela religião, pois o valor, que o homem põe na natureza, é apenas o valor que ele atribui a si mesmo, à sua própria vida. A religião da natureza tem, na verdade, por finalidade transformar a essência não-sagrada, não-humana, da natureza numa essência “sagrada”, “personificada”. Mas Feuerbach a critica, assim como o panteísmo, precisamente porque ela faz, através dessa *Transformation*, da natureza um Deus.

Em oposição a isso, Feuerbach não vê a natureza como algo sagrado, divino, isto é, como objeto religioso, tal como ela aparece na religião da natureza, mas, pelo contrário, como uma essência objetiva que existe apenas por si mesma, independentemente do homem. Como justificativa para esse seu procedimento, pelo qual quer livrar a natureza de todas as considerações religiosas e antropológicas, vale a ele que a natureza é o ente que produz tudo de si e por si e, por conseguinte, não deve ser vista como aquilo o que ela não é, isto é, (1) nem como divina (em forma do teísmo), (2) nem como humana (em forma do Idealismo). A natureza, para ele, sempre existiu, quer dizer, ela existe por si e tem seu sentido apenas em si mesma; ela é ela mesma, ou seja, nenhuma essência mística, pois por detrás dela não se oculta nem se esconde

nada humano, nada divino, nenhum *absolutum* transcendental ou ideal. O conceito de natureza designa tudo o que se mostra sensivelmente ao homem como fundamento e essência de sua vida; trata-se, pois, primeiro daquela essência (luz, ar, água, fogo, plantas, animais etc.), sem a qual o homem não pode nem ser pensado nem existir. A natureza é, assim, a pluralidade de todas as coisas e seres sensíveis que realmente são.

Embora haja neste ponto, como já mencionado, uma certa concordância entre Feuerbach e Schelling, distancia-se, porém, Feuerbach de Schelling, pois para o primeiro a natureza é em si e por si, mas não para si; ela é necessária e regida por leis próprias, sem espírito e sem sujeito, isto é, o independente de toda essência humana ou divina, o indeduzível, o que consiste por si mesmo, por assim dizer a essência originária, primeira e última. Assim sendo, pode-se dizer que, (1) por um lado, a natureza existe *per se* (em si e por si) e age, em princípio, sem intencionalidade (*Absicht*), sem querer (*Willen*) ou saber (*Wissen*); ela tem seu “entendimento” apenas no entendimento do homem e prova sua essencialidade mediante qualidades, conexões e relações materiais; (2) mas, por outro lado, para fazê-la a nós inteligível, é-nos inevitável que devemos empregar sobre ela analogias, expressões ou conceitos, como ordem, finalidade, sabedoria etc. Aquilo que o homem acredita reconhecer na natureza como “entendimento”, “espírito”, que empresta a ela uma “teleologia”, é, portanto, apenas uma representação humana. Assim, no que tange a todas as aproximações à natureza, trata-se para Feuerbach, meramente, de conceitos antropológicos, subjetivos, pois, na natureza, tudo acontece sob o fundamento da necessidade e há nela apenas forças, elementos e seres naturais, isto é, leis naturais, às quais a existência humana está submetida. Partindo da necessidade e das leis da natureza, Feuerbach exclui dela todos os critérios humanos ou “efeitos de Deus” para a sua valorização e postula, com isto,

a sua autonomia. Precisamente este postulado de Feuerbach em relação ao *status* da natureza oferece, na situação presente, pontos de referências para uma resistência contra toda exploração arbitrária e brutal da natureza a favor dos desígnios e desejos ilimitados do homem e, ao mesmo tempo, fornece, conseqüentemente, sugestões e contribuições para um debate frutífero sobre a crise ecológica atual.

Conclui-se, tendo em vista tais posições, que Feuerbach quer fundamentar uma nova relação entre o homem e a natureza, a qual ele vê realizada, em princípio, na dependência do homem em relação à natureza. Nessa dependência (*Abhängigkeit*), ele encontra uma clara designação para a natureza como algo não-humano e, simultaneamente, como vínculo que liga o homem a ela. O homem não é um ser sem necessidade, ou seja, não é só espiritual (*animal rationale*), mas também, simultaneamente, uma essência sensível, física, nascida, por isso ele é dependente da natureza e precisa dela para seu nascimento, desenvolvimento e autossustento. Ele tem o fundamento de sua vida não em si, mas, pelo contrário, fora de si e está, portanto, necessariamente remetido para uma outra essência (para a natureza).

A dependência do homem à natureza faz desta, para ele, a causa do medo e da insegurança, pois o homem sabe que ele sem ela não pode ser; não obstante, não se deve esquecer que a natureza é também um sistema de leis, “um potencial passivo”, frente ao qual o homem pode reagir através da cultura (do desenvolvimento da ciência e da técnica), podendo ser, pois, utilizada por ele a seu favor, embora o essencial da cultura consista nisto, a saber, que ela também se deixe determinar pela “verdade da natureza dos objetos”. Feuerbach vê a cultura realizada preponderantemente nas ciências, e seu entusiasmo para ela e para seu método tinha ele já manifestado nas suas obras *Teses Provisórias para a Reforma da Filosofia* (*Vorläufigen Thesen zur Reform der Philosophie*) e *Princípios da Filosofia do Futuro* (*Grundsätzen der Philosophie der*

Zukunft), nas quais a ligação da filosofia e da ciência da natureza representa para ele uma alternativa à aliança (*Allianz*) feudal da filosofia com a Teologia e possibilita uma conexão objetiva com a natureza. Nesse empreendimento, Feuerbach almeja que a ciência da natureza sirva de base à sua filosofia, porque ela fornece uma contribuição para a superação tanto das inconsistências da filosofia especulativa quanto das inconseqüências da fantasia e da imaginação religiosa, na medida em que ela, em seu sentido antiteológico e antimetafísico, ocupa-se não com objetos arbitrários ou fenômenos sobrenaturais, mas exclusivamente com objetos físico-naturais, atribuindo as suas causas imanentes à natureza.

Por último, cabe lembrar, todavia, que Feuerbach não era nenhum cientista da natureza. Para ele, as ciências da natureza – como a química, a física, a biologia, a botânica, a fisiologia etc – conhecem apenas a “história da natureza”, limitam-se com isso a um elemento isolado da natureza e não têm, em oposição à filosofia, nenhum acesso à totalidade da natureza e da alma humana, ou seja, à essência do homem. Embora Feuerbach esteja convencido de que o homem é uma essência natural e que sua existência, seu nascimento e sua preservação pressuponham a natureza, parece-lhe sem sentido uma ciência ou uma filosofia da natureza separada do homem. Para ele, a natureza é, em princípio, não-humana, externa ao homem, que é, no entanto, esclarecida, conhecida, na medida em que o homem se apropria dela através de seu entendimento. Seja como for, apesar destes méritos consideráveis, que assinalam à concepção de natureza em Feuerbach como um essencial progresso frente ao teísmo e ao Idealismo, na medida em que ela restitui à natureza o seu valor, ela contém, todavia, “traços especulativos”, um caráter “não-dialético”, “passivo-contemplativo”, pois falta-lhe a *Dimension* social, histórico-concreta. Feuerbach considera a natureza

parcial e unilateralmente, como uma instância indiferente diante da sociedade, isolada e abstraída de suas condições materiais, sociais e econômicas.

Referências bibliográficas

CHAGAS, Eduardo F. A Cisão do Mundo Ético: Lei Divina e Lei Humana na Fenomenologia e na Antígona. *Revista de Educação e Filosofia*, Uberlândia-MG, n°. 15, p. 67-74, 1994.

CHAGAS, Eduardo F. *Natureza e Liberdade em Feuerbach e Marx*. Campinas: Editora Phi, 2016.

CHAGAS, Eduardo F. Projeto de uma nova Filosofia como Afirmação do Homem em Ludwig Feuerbach. *Teoria & Praxis – Revista de Ciências Humanas e Política*, n°. 4, Goiânia-GO, p. 31-36, 1992.

CHAGAS, Eduardo F. Religião: O homem como imagem de Deus ou Deus como imagem do homem? *In: OLINDA, Ercília Maria Braga de. Formação Humana: Liberdade e Historicidade*. Fortaleza: EDUFC, 2004.

CHAGAS, Eduardo F.; OLIVEIRA, Renato Almeida de. *Consciência, Natureza e Crítica Social em Hegel, Feuerbach e Marx*. Porto Alegre, RS: Editora FI, 2019. Disponível em: <https://www.editorafi.org/519hegel>.

CHAGAS, Eduardo F.; REDYSON, Deyve; PAULA, Marcio G. de: *Homem e Natureza em Ludwig Feuerbach*. Série Filosofia, nº 8, Fortaleza: Edições UFC, 2009.

CHAGAS, Eduardo F.; REDYSON, Deyve. *Ludwig Fuerbach: filosofia, religião e natureza*. São Leopoldo: Editora Nova Harmonia, 2011.

CORNEHL, Peter. Feuerbach und die Naturphilosophie. Zur Genese der Anthropologie und Religionskritik des jungen Feuerbach. *Neue Zeitschrift für systematische Theologie und Religionsphilosophie*, vol. 11. Berlin: 1969, p. 37-93.

Rev. Helius	Sobral	v. 2	n. 2	p. 318-338	jul./dez. 2019
-------------	--------	------	------	------------	----------------

FEUERBACH, Ludwig. *Briefwechsel I (1817-1839)*. Berlim: Wiley VCH, 1984. Gesammelte Werke (GW), 17.

FEUERBACH, Ludwig. *Briefwechsel II (1840-1844)*. Berlim: Wiley VCH, 1988. Gesammelte Werke (GW), 18.

FEUERBACH, Ludwig. *Briefwechsel III (1845-1852)*. Berlim: Wiley VCH, 1993. Gesammelte Werke (GW), 19.

FEUERBACH, Ludwig. *Briefwechsel IV (1853-1861)*. Berlim: Wiley VCH, 1996. Gesammelte Werke (GW), 20.

FEUERBACH, Ludwig. *Das Wesen des Christentums (1841)*. Berlim: Wiley VCH, 1973. Gesammelte Werke (GW), 5.

FEUERBACH, Ludwig. *Einleitung in die Logik und Metaphysik (Erlangen 1829-1830)*, bearb. v. C. Ascheri u. E. Thies, Darmstadt 1975.

FEUERBACH, Ludwig. *Entwürfe zu einer Neuen Philosophie*. Org. W. Jaeschke, W. Schuffenhauer. Hamburg: Felix Meiner Verlag, 1996.

FEUERBACH, Ludwig. *Frühe Schriften, Kritiken und Reflexionen (1828-1834)*. Berlim: De Gruyter Akademie Forschung, 2000. Gesammelte Werke (GW), 1.

FEUERBACH, Ludwig. *Geschichte der neuern Philosophie von Bacon von Verulam bis Benedikt Spinoza (1833)*. Berlim: Akademie Verl., 1969. Gesammelte Werke (GW), 2.

FEUERBACH, Ludwig. *Geschichte der neuern Philosophie. Darstellung, Entwicklung und Kritik der Leibnizschen Philosophie (1837)*. Berlim: Akademie Verl., 1969. Gesammelte Werke (GW), 3.

FEUERBACH, Ludwig. *Kleinere Schriften I (1835-1839)*. Berlim: Akademie Verl., 1969. Gesammelte Werke (GW), 8.

FEUERBACH, Ludwig. *Kleinere Schriften II (1839-1846)*. Berlim: Akademie Verl., 1970. Gesammelte Werke (GW), 9.

Rev. Helius	Sobral	v. 2	n. 2	p. 318-338	jul./dez. 2019
-------------	--------	------	------	------------	----------------

FEUERBACH, Ludwig. *Kleinere Schriften III (1846-1850)*. Berlim: Akademie Verl., 1971. Gesammelte Werke (GW), 10.

FEUERBACH, Ludwig. *Kleinere Schriften III (1851-1866)*. Berlim: Akademie Verl., 1972. Gesammelte Werke (GW), 11.

FEUERBACH, Ludwig. *Ludwig Feuerbach in seinem Briefwechsel und Nachlass sowie in seiner philosophischen Charakterentwicklung*. Org. K. Grün, 2 vol., Leipzig/Heidelberg: Winter, 1874.

FEUERBACH, Ludwig. *Paul Johann Anselm Ritter von Feuerbachs Leben und Wirken (1852f.)*, Berlim: Wiley VCH, 1989. Gesammelte Werke (GW), 12.

FEUERBACH, Ludwig. *Pierre Bayle. Ein Beitrag zur Geschichte der Philosophie und Menschheit (1838)*. Berlim: Akademie Verl., 1967. Gesammelte Werke (GW), 4.

FEUERBACH, Ludwig. *Theogonie nach den Quellen des klassischen, hebräischen und christlichen Altertums (1857)*. Berlim: Akademie Verlag, 1969. Gesammelte Werke (GW), 7.

FEUERBACH, Ludwig. *Vorlesungen über das Wesen der Religion (1851). Nebst Zusätzen und Anmerkungen*. Berlim: Akademie Verl., 1967. Gesammelte Werke (GW), 6.

FEUERBACH, Ludwig. *Vorlesungen über die Geschichte der neueren Philosophie (Von G. Bruno bis G. W. F. Hegel, Erlangen 1835-1836)*. Ed. C. Ascheri; E. Thies. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1974.

FEUERBACH, Ludwig. *Vorlesungen über Logik und Metaphysik (Erlangen 1830-1831)*. Ed. C. Ascheri; E. Thies. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1976.

HÖPPNER, Joachim: *Ludwig Feuerbach und seine materialistische Weltanschauung in ihrer historischen Bedeutung für die wissenschaftliche Philosophie*. Leipzig, 1960. Phil. Diss..

HÜSSER, Heinz. *Die Menschwerdung der Natur. In: Solidarität oder Egoismus. Studien zu einer Ethik bei und nach Ludwig Feuerbach*. Org. H.-J. Braun. Berlim: Akademie Verl.,

Rev. Helius	Sobral	v. 2	n. 2	p. 318-338	jul./dez. 2019
-------------	--------	------	------	------------	----------------

1994, pp. 141-153.

HÜSSER, Heinz. *Natur ohne Gott. Aspekte und Probleme von Ludwig Feuerbachs Naturverständnis*, Würzburg: Königshausen & Neumann, 1993.

HÜSSER, Heinz. Natur und Religion in der Religionskritik Ludwig Feuerbachs. Betrachtungen zu einem aktuellen Problem. In: *Ludwig Feuerbach und die Philosophie der Zukunft*. Org. H.-J. Braun. Berlin: 1989, pp. 39-54.

JESSIN, I. M. *Die materialistische Philosophie Ludwig Feuerbachs*. Berlin: Dietz, 1956.

JODL, Friedrich. *Ludwig Feuerbach*, Stuttgart: F. Frommanns Verlag, 1904.

LEY, Hermann. Ludwig Feuerbach über das Bündnis von Philosophie und Naturwissenschaft und der dialektische Materialismus. *Referenten Konferenz der zentralen Kommission Wissenschaft*. Berlin: Deutscher Kulturbund, pp. 70-78, 1972.

LEY, Hermann. Ludwig Feuerbach und die Natur. In: *Atheismus in der Diskussion. Kontroversen um Ludwig Feuerbach*. Org. H. Lübke, H.-M. Saß. Munique: Kaiser-Grünewald, 1975, pp. 120-141.

MÜNZ, Theodor. Spinoza, Feuerbach und die Würde der Natur. In: *Ludwig Feuerbach und die Philosophie der Zukunft*. Org. H.-J. Brau, H.-M. Sass, W. Schuffenhauer. F. Tomasoni. Berlin: Akademie-Verlag, 1989, pp. 55-67.

REITEMEYER, Ursula. *Philosophie der Leiblichkeit. Ludwig Feuerbachs Entwurf einer Philosophie der Zukunft*, Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1988.

SCHMIDT, Alfred. *Emanzipatorische Sinnlichkeit. Ludwig Feuerbachs anthropologischer Materialismus*. Munique: Carl Hanser Verlag, 1973.

SCHRÖTER, Gisela. Zum Bündnis von Philosophie und Naturwissenschaft im Materialismus Ludwig Feuerbachs. *Deutsche Zeitschrift für Philosophie*, Berlin, v. 36, Jahrgang 1988, pp. 28-36.

SCHUFFENHAUER, Werner. *Ludwig Feuerbach und der junge Marx. Zur Entstehungsgeschichte der marxistischen Weltanschauung*. Berlin: Deutscher Verlag der

Rev. Helius	Sobral	v. 2	n. 2	p. 318-338	jul./dez. 2019
-------------	--------	------	------	------------	----------------

Wissenschaften, 1965.

STEINDL, Regina. Bemerkungen zum Naturbegriff bei Ludwig Feuerbach. *Wissenschaftliche Reihe*, Jena, v. 34, 3, pp. 361-366, 1985.

TOMASONI, Francesco. *Ludwig Feuerbach e la natura non umana: Ricostruzione genetica dell' „Essenza della religione“ con pubblicazione degli inediti*. Florença: La Nuova Italia, 1986.

TOMASONI, Francesco. *Ludwig Feuerbach. Biografia intellettuale*. Brescia: Editrice Morcelliana, 2011.